**IMAGENS MARGINAIS: MALDITA INCLUSÃO DIGITAL[[1]](#footnote-2)**

**GT12: Comunicação para a Mudança Social**

Lylian Rodrigues[[2]](#footnote-3)

**Resumo:** Vídeos que correspondem à expressão “Maldita Inclusão Digital” foram filtrados no YouTube. Tal termo foi sugerido por uma observação preliminar sobre os vídeos de periferia, carregados de sentidos da pobreza e da vulgaridade, que nos provocaram reflexões sobre condições de inclusão e exclusão social. O que mostram as marginalidades visuais da plataforma? Como compreender os processos sociais, técnicos e políticos nos indivíduos e na sociedade através das práticas comunicacionais em rede, das experiências em uma sociedade em vias da midiatização, na qual os sujeitos querem se apoderar das tecnologias que dão visibilidade? O sonho e o direito ao consumo ou ao espetáculo mantêm sobrevida sobre o interesse e o desejo dos que se expõe. Por outro lado, o que ocorrer com a circulação e a bricolagem do cotidiano em suas ações e exibições?

**Introdução**

O artigo é parte de um estudo que vem sendo acompanhado no GT Comunicação e Transformação Social desde 2010, com o texto “Comunicação e Cultura: movimentos pela Cidadania”, e em 2012 com o texto “Visibilidade na rede como ação política do sujeito”. O estudo foi provocado a partir de oficinas de comunicação organizadas em projetos e associações sociais não-governamentais, cujo sentido buscava dar conta do exercício da cidadania por meio do acesso à tecnologia e desenvolvimento da cultura (periférica ou regional). Neste sentido, buscamos referências sobre outros vídeos disponíveis na internet, sem compromisso ou vínculo institucional, mas sim sujeitos ordinários dispostos a fazer circular suas ideias e rostos.

Na primeira ocasião, apresentei dois vídeos: As gatas do coque[[3]](#footnote-4) e Leona, a assassina vingativa[[4]](#footnote-5). O primeiro trata de uma exposição de fotografias e um vídeo de garotas de um bairro periférico da cidade Recife, Brasil. Elas expunham seus corpos, o espaço doméstico e interesses, como a praia ou o quarto; o vídeo é uma mulher dançando, com foco sobre o peito, primeiro, depois sobre o corpo dançante. Ela rebola e dança até o chão ao som do bonde do tigrão. Leona é uma série de três episódios, sendo o vídeo apresentado o primeiro, criado e produzido por um grupo de crianças, encenando uma história sobre a assassina do marido, que é descoberta em sua trama buscando a herança e denunciada pela personagem Aleijada Hipócrita. É um episódio de agressões físicas, palavrões e xingamentos.

À pesquisa interessou as formas expostas, controversas àquelas das organizações não-governamentais. Entre as primeiras afirmações, compartilhada com alguns participantes do GT à época da primeira apresentação, ficou evidente como o discurso da moral cristã e burguesa, da esfera pública habermasiana ilustrada e racional, impunha formações discursivas previsíveis sobre o trabalho realizado e proposto dentro das instituições[[5]](#footnote-6). Os vídeos apresentados, por sua vez, indicavam um amplo horizonte sobre a formação dos jovens da periferia e seus desejos e vontades sobre a exposição de si mesmos. Desse modo, provoca-nos a reflexão sobre os interesses daqueles que acessam a tecnologia e expõem o desenvolvimento de uma cultura contemporânea.

No percurso, em um segundo momento do estudo, eu apresentei minha perspectiva científica sobre o objeto. A comunicação, como um campo de estudos sobre as relações sociais, e a midiatização como a observação dessas relações em uma ambiência centralizada na mídia, estabeleciam entre os múltiplos indivíduos o espaço da vida cotidiana reproduzida pelos vídeos, no YouTube, como um espaço qualificado para a observação. Isso porque encontramos aí as heterogeneidades destas relações humanas e a resistência/transformação das culturas. Portanto, um campo também da política.

A vida e a experiência dos sujeitos, em relação, na sociedade, estabelecem micro políticas de ação nos indivíduos. Tais relações entre mídia e poder evidenciam-se na cultura (e disputa) midiática pela visibilidade, entre outros aspectos. A internet, por meio das redes sociais, reconstrói a força do indivíduo no que constitui a expressão de si. Entendemos a tomada desta visibilidade social, representando-se a si mesmo como ação política. É nas relações sociais, mediadas pelas tecnologias, que se constrói a possibilidade desta representação de si.

A partir destes debates, o corpo de análise cresceu e redefiniu-se. Buscamos outros vídeos, *a priori*, desligados de regras e normas mais explícitas ou vigilantes, que podem ocorrer dentro dos espaços institucionais ou mediados por algumas instituições. O objetivo foi desvencilhar-se do próprio véu da esfera racional iluminista e burguesa, por onde se enxergava a necessidade do trabalho, da educação, do consumo como elementos chaves de empoderamento, de autonomia ou de liberdade ao ser. Entretanto, notou-se que o discurso da inclusão é o fortalecedor da **exclusão**. Ao conhecermos o que eles falavam sobre si mesmos e como eles se mostram ao mundo, destacou-se como o mundo os mostra.

Considerando as perspectivas iniciais da pesquisa que pretende contribuir para o pensamento da comunicação em seus entremeios da inclusão, do desenvolvimento social e da cidadania, realizamos uma busca pelos vídeos a serem analisados, no final da pesquisa, pela correspondência à expressão “Maldita Inclusão Digital”, escolhida para filtrar no YouTube o indesejado. Tal termo foi sugerido por uma observação preliminar sobre os vídeos de periferia, carregados de sentidos da pobreza e da vulgaridade. Neste tempo da pesquisa, o trabalho era partilhado com o grupo de estágio docente, na Universidade Federal de Pernambuco, durante meu doutorado. Agradeço as contribuições e o debate desta turma.

O que mostravam as marginalidades visuais desta plataforma?

**Estudo e Método**

Selecionamos os vídeos no YouTube, plataforma com o maior número de acesso, visualizações e disponibilização de material audiovisual na rede global. Concentramos esforços sobre os vídeos que eram evidenciados, na rede, pelo rechaço, ou porque eram indesejados ou desvalorizados a fim de compreender o processo da exclusão, que se mostrou evidente nos discursos de emancipação social vinculados ao trabalho ou à educação, por exemplo. Por isso, o critério foi filtrar os vídeos pela expressão “maldita inclusão digital”, digitada na barra de pesquisa da plataforma. O termo explicita as visualidades marginalizadas da rede.

Após escrever as palavras para pesquisa no YouTube, o *site* listou diversos vídeos, dentre os quais foram escolhidos os cinco materiais audiovisuais das primeiras páginas. Material que obteve certa visibilidade, com base na quantidade de comentários e visualizações. Alguns vídeos foram muito vistos e pouco comentados ou mais comentados e pouco vistos. Selecionamos os que tinham elevado número dessas duas variáveis, com vistas à leitura de cem comentários de cada e à criação de categorias que apresentassem formas generalizantes do efeito de reação da “audiência”, os internautas.

Categorizar limita as leituras e as interpretações. No caso dos vídeos selecionados, pelo número de corte dos comentários e outras variáveis que podem ser levantadas como problemáticas para conclusões analíticas. Considero relevante mencionar que os comentários lidos por um grupo de quatro alunos[[6]](#footnote-7), primeiramente, seguiu para uma segunda leitura por colega de grupo de pesquisa[[7]](#footnote-8) e, finalmente, eu realizei a terceira leitura sobre os números. Dos quantitativos, realizei média aritmética para os quais apresento neste texto. Também, os comentários sob a perspectiva da maldita inclusão digital são produtivos, à medida que explicitam o sentimento da comunidade sobre as partes do comum, àqueles das imagens marginalizadas.

Como resultado das leituras dos comentários, criamos quatro grupos: **agressivo (**ofensas, uso de termos vexatórios, obscenos e xingamentos); **neutro (**comentários sem adjetivações para qualificar ou desqualificar); **a favor** (comentários que defendiam ou concordavam) e **risível** (sentido desfavorável do ridículo e deboche, ou favorável do espirituoso e divertido). Explicitamos estas categorias para compreender outros desenvolvimentos críticos para a pesquisa, e ainda, ressaltar a forte constatação sobre a categoria “agressivo”, maior percentual em todos os vídeos e pelo crivo das três leituras sobre quais passaram os comentários. Vale indicar que a categoria do risível não elimina a característica negativa ou desqualificada. Isso porque alguns discursos incluem o riso como resultado das próprias concepções de ridículo, grotesco ou bizarro.

**Mostra de Vídeos**

O primeiro vídeo foi o da “Mulher bambu, enverga, mas não quebra”[[8]](#footnote-9). Trata-se de uma moça, magra, usando *short* e *top*, que canta e dança por quase dois minutos, acompanhada por uma base de som funk e cantando a seguinte letra musical: *Eu sou a mulher bambu uhu uhu / Vim aqui me apresentar aha aha / No funk que é o meu lugar aha aha / Dizem que eu sou magrela, enverga mas não quebra / Na minha rua e na de cima, o povo comigo implica / Olha que coisa mais feia, parece mais uma vareta / Bambu no varal enverga, sempre enverga mas não quebra / Por isso que eu sou magrela, enverga mas não quebra / Dizem que eu sou magrela, enverga mas não quebra.*



Figura 1 – A Mulher Bambu

Fonte: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

Entre os comentários, alguns exemplos: “Cada merda hoje em dia, ehn dá até pena disso devia matar essa gente”, “Mulher bambu... bola na rede pau no teu cu”, “nossa, que coisa horrível, parece um travecão”, “Maldita inclusão digital”, “que menina feia, idiota, retardada, com voz de viada, gay”, “é você satanás?”, “preconceito é foda”, “loira, magrela, me identifiquei”, “Falam mal mas MUITAS mulheres dariam de tudo﻿ para ter o corpo dela, pode crer...”, “ignorancia brasileira... tenho certeza que pessoas desse tipo votam nos corruptos que fazem esse pais uma merda”, “parabéns! Pelo menos é autentica”.

* Agressivo: 52%
* Risos: 29%
* A favor: 11%
* Neutro: 8%

Outro vídeo é “Liu dançando chame Bina”[[9]](#footnote-10), postado em 31 de maio de 2010, já somando 1.118.830 visualizações[[10]](#footnote-11). Alguém filma uma moça, negra, magra e sem os dentes superiores frontais. Ela dança para a câmera alguns passos, sorrindo sempre. Brinca com uma voz alterada no som, que está em cima de uma bicicleta, ao lado da porta de uma casa, onde ela dança. Como texto explicativo do vídeo: “Mais uma linda performace de Liu mostrando a beleza da mulher brasileira e todo seu swingue”.

“Bota mais vídeo dela... dessa vez dançando britney”; “Ela é feeeeeeeliz”; “Um ser humano? Ou um macaco?”; “Deus me livre de ir pro planeta dela”; “Não escolha a pessoa mais bonita do mundo, mas a pessoa que faz do seu mundo o mais bonito”, “quanto é que ela cobra pra assustar”, “eu gostei”, “coitada, tem problemas mentais, vcs são CEGOS aff”, “minha alma acaba de ser estruprada”., “vende a câmera e compra uma dentadura”, “ainda tem gente que reclama que ta com uma espinha e n vai sair de casa”, “adoro esse vídeo”, “eu me apaixonei por ela, e daí?”, “não escolha a pessoa mais bonita do mundo, escolha a pessoa que faz do seu mundo, o mais bonito”.



Figura 2 – Em performance, Liu dança chame Bina

Fonte: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

* Agressivo: 46%
* Risos: 25%
* A favor: 24%
* Neutro: 5%

“Beionsse (Beyonce) do Agreste – Sweet Dreams (Firme na Paçoca)”[[11]](#footnote-12) recebeu o maior indicativo de comentários negativos: “Vai nessa, é a﻿ vez da baixa renda mostrar como se faz kkkk”; “é o que acontece quando pobre coloca a mao em uma camera digital pela primeira vez.. MALDITA INCLUSAO”; “Parabéns, parabéns e parabéns... Amei este video, mesmo que desafinada, mas não desista jamais, pois as criticas é quem nos levanta ﻿ e nos faz seguir ao rumo do sucesso”; “Pena que o crack esteja dessa maneira, senhor, pai todo poderoso, rogai por essa garota”; “from favela”, “ela tem sérios problemas psicológicos”, “Acho que﻿ é muito sol na cabeça dessa gente!”.

* Agressivo: 70%
* Risos: 20%
* A favor: 5%
* Neutro: 5%



Figura 3 – Em performance, Beionsse do Agreste

Fonte: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

Ao iniciar o vídeo, surge um balão de diálogo em que se lê: “todos os dias uma enxurrada de risos, WWW.firmenapacoca.com.br”. Em algumas das exibições para estudo, apareciam anúncios publicitários de marcas como Sky, Itaú, Samsung. Gravado em algum espaço externo, como um pátio ou quintal, ao fundo uma parede de alvenaria mal-acabada e pintada de branco. Sobre o chão de cimento, uma adolescente dança e canta uma música da cantora pop norte-americana Beyoncé. Ela move muito os cabelos, o quadril, os braços e se lança em uma cadeira que é empurrada para o enquadramento do vídeo. É como a gravação de um cover, caseiro, sem edição. A música toca ao fundo e ela acompanha a letra em inglês.

O último vídeo a ser descrito neste artigo é “Porque pobre não pode ter câmera digital”[[12]](#footnote-13). Quando realizado o filtro[[13]](#footnote-14), o vídeo estava disponível sem restrição. Quatro meses depois, ao indicar o título, há restrição para exibição: “Este conteúdo pode apresentar material sinalizado pela comunidade do YouTube como impróprio para alguns usuários. Para visualizar este vídeo, confirme que você é maior de idade ao fazer login”. O produto tem 279.333 visualizações[[14]](#footnote-15).

Como texto descritivo: “olhe o que acontece quando pobre conseguem uma camera digital...”. Entre os comentários: “Malditas Cybershots a R$ 199,00 em 12X sem juros...”﻿; “Se matar todos, vamos economizar o﻿ oxigênio do planeta”; “preconceituoso preconceituoso preconceituoso preconceituoso preconceituoso preconceituoso preconceituoso”; “puts esse povo me da nojo eca pobre﻿ fede a merda”, “eu stava entrando em depresão, mas hoje sair, uffa meu deus obrigado por me mandar esse videos pois hoje eu descobrir o quanto eu sou lindo.... te amo meu﻿ senhor.... existi pessoas muitos feias nesse mundo”, “pobre, raça”.

O vídeo tem como som de fundo a música funk de Tati Quebra Barraco, “*sou feia, mas tô na moda, tô podendo pagar hotel pros homens isso é que é mais importante”.* Vemos rapazes bronzeados, exibindo marquinhas de biquínis; pessoas velando um corpo na sala de casa, posando e rindo discretamente para a foto; gordinhas de lingerie e biquíni, assim como um rapaz em frente ao carro atolado na lama, em poses sensuais; pessoas em atos cotidianos, como rindo na sala de casa, ao lado dos cachorros de estimação; rapazes de sunga em pose de lutadores, com os cabelos tingidos de louro claro.

Segundo as estatísticas nas nossas categorias:

* Agressivo: 57%
* Risos: 27%
* Neutro: 11%
* A favor: 5%

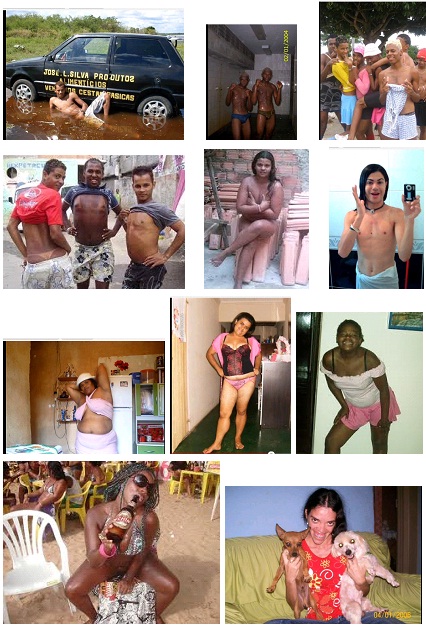


Figura 4 – Seleção de fotos do Vídeo Porque pobre não pode ter câmera digital

Fonte: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

O filtro pesquisado evidencia o indesejado e sobressaltamos, nas imagens marginais: figuras humanas gordas, descabeladas, mulheres cabeludas nos braços ou seio, desdentadas, macérrimas, sempre ressaltando algo no rosto como um nariz desproporcional ao tamanho dos olhos e da boca; homens carecas, barrigudos - passando pela estética também do feio, vulgar, excessivo. Eles se vestem de mulher, mostram marcas de biquíni, pintam os cabelos. Vários fotografam a si mesmo, na frente do espelho. Todos posam para as fotos. As cenas em que encontramos a criatura têm por indicação paredes sem acabamento, roupa de cama rasgada, ruas de terra e enlameadas, roupas maltrapilhos, vestimentas imorais e exibição de corpos.

Os vídeos retratam pessoas fora do padrão de beleza ou simetria ou higienização. Os pobres, feios, sujos, descarados, desavergonhados, deseducados que fazem parte de uma circulação que também é estética e, em alguma medida, difundem-se com uma intensificada troca, alicerçados pela tecnologia eletrônica e prática em rede.

**Circulação Estética, nas interações midiatizadas**

Comunicação, política e estética evidenciam uma discussão sobre inclusão e marginalização social que passa não só pela renda, educação e trabalho, mas também pela política das visibilidades e das subjetividades. Como compreender os processos sociais, técnicos e políticas nos indivíduos e na sociedade através das práticas comunicacionais em rede, das experiências em uma sociedade em vias da midiatização, na qual os sujeitos querem se apoderar das tecnologias que dão visibilidade?

Produzem-se estratégias nas relações diárias, institucionais e cotidianas, aleatórias e regulares. É na própria vida acontecendo, um conjunto de “entre ações”, “encontros e desencontros”, que as práticas sociais de interação dão origem a esquemas e criam ações. O que buscamos compreender é parte de tal processo e algumas formas combinadas de elementos ora técnicos, ora culturais, ora de ordem prática e institucional, que operam as interações. Há, pelo menos, dois séculos elas vêm tornando-se complexas, em permanente alteração sobre as percepções de tempo, espaço, visualidades, sonoridades, leitura e conhecimento. Acrescentando aos modos de conversa da interação face a face mediações e suportes tecnológicos que a produzem em larga escala e em qualificações sobre o presencial ou o à distância.

Para o professor José Luiz Braga (2006), os estudos da comunicação definem-se pelo objeto “processos de interação social”, reconhecendo uma centralidade da **mídia** na construção deste objeto comunicacional. Assim, no artigo “Sobre ‘mediatização’ como processo interacional de referência” (2006), ele desenvolve uma análise sobre um conjunto de reformulações sócio-tecnológicas que atravessam a sociedade e lhe dá condições e lógicas de existência (suas referências). Considera o processo de transição entre os sistemas interacionais da cultura letrada e iluminista para uma cultura da mídia. Neste caso, a mediatização desdobra uma processualidade interacional ampla, em vias de suplantar a cultura escrita enquanto principal referência às lógicas e modos de interação social.

A midiatização corresponde às dinâmicas mais amplas, produzidas por processos complexos, que incidem sobre a organização e funcionamento da sociedade, em escala mundial. De modo específico, significa a transformação da sociedade dos meios (que deixa de ser caracterizada por aquela marcada pela existência de dispositivos sócio-técnico-discursivos que apenas intermedeiam intensamente a interação entre os campos sociais) em uma sociedade onde a cultura, lógicas e operações midiáticas afetam, relacional e transversalmente, a própria sociedade, no âmbito mesmo de suas diferentes práticas. FAUSTO (2008, p. 10).

A comunicação não trata somente da transmissão de algo, mas também de uma imbricação entre ações e estratégias coordenadas de recepções e produções sobre elementos que circunscrevem o ambiente da interação, no qual e do qual se refletem as práticas sociais. Assim como o emaranhado entre tecnologia, códigos e suportes se relacionam e se processam socialmente para a significação de algo. Não existe um agente que não seja participante. A relação se insere em estruturas do hábito, da instrução e da reprodução tanto quanto em elementos da criação, do inesperado, da variável e da falta do controle sobre o processo em comunicação. As possibilidades combinatórias, probabilísticas e permutatórias crescem exponencialmente, difusas e diferidas. O processo se intensifica quanto mais os dispositivos tecnológicos produzem processos sociais geradores de novas demandas pelas possibilidades interativas

Apesar das inovações operacionais sobre as interações, destacamos a esfera social suplantada pelo valor de uma esfera pública privatizada pela beleza, pelas atividades econômicas, pela padronização de corpos e pela urbanização industrial (indicativos de desqualificação sobre os nascidos no nordeste do Brasil, por exemplo). Ao mesmo tempo, como os vídeos selecionados demonstram escape ou ruptura? Ou seja, o sonho e o direito ao consumo ou ao espetáculo mantêm sobrevida sobre o interesse e o desejo dos que se expõe: como não tecer a crítica sobre a aparência Big Brother Brasil, à beira da piscina, com corpos sarados, com biquínis, shorts curtos, cabelos loiros, ou ainda, sobre o cover à indústria fonográfica norte-americana, etc? Por outro lado, como descartar a bricolagem do cotidiano em suas ações e exibições?

Os estudiosos da escola de Frankfurt iniciaram um projeto filosófico e político que elaborou uma ampla teoria crítica da sociedade, revelando fenômenos de mídia e da cultura de mercado, na formação da vida. Para alguns, os meios de comunicação de massa – especialmente a televisão – eram limitadores da imaginação. Acusavam a indústria cultural de adulterar a obra de arte a partir dos arranjos para massificação, fenômeno que a destituía da transcendência própria.

É a indústria cultural que, na opinião de Walter Benjamin, provocava uma revolução sem precedentes; a cultura, graças aos novos equipamentos técnicos, deixava de ser obra individual para se tornar coletiva, assim como a fruição do elemento estético. Na nova época, dizia ele, somente os grandes meios de comunicação tinham a capacidade de penetrar profundamente no inconsciente das massas. MARCONDES (2011, p. 107, grifo do autor)

A técnica sofreu a acusação de destruir o social, sendo ela um agente de fragmentação que enfraqueceu o simbólico. Ela foi observada sob a perspectiva da condição de artefato, de um instrumento de transmissão, distribuição, manipulação, despida de oferecer algo a pensar e que instrumentalizava a razão. Ela só existiria enquanto truque ou instrumento a serviço de um modo racional do pacto social vigente. A crítica era embutida de política, na perspectiva de questionar a autonomia do pensamento em detrimento de uma dominação por meio da reprodução e da massificação da cultura.

Diversas imagens dos vídeos “Porque pobre não pode ter câmera fotográfica”, “Mulher Bambu”, “Liu dança chamando Bina” e “Beionsé do Agreste” identificam a aparição dos corpos com motivação sensual, do espetáculo, da performance em poses, coreografias, gestos, olhares e voz que também repercutem na grande mídia massiva. Nos dois primeiros, expressão e posturas corporais e faciais misturam-se a modos semelhantes de posar nas imagens do site Paparazzo[[15]](#footnote-16), da Globo –responsável pela produção de ensaios sensuais com celebridades–, ou ainda, nas imagens da revista Caras[[16]](#footnote-17), da editora Caras –caracterizada com o perfil de publicação de fotos e notícias dos famosos, incluindo atividades diárias como andar pela praia, sair para almoçar, passear com os cachorros ou filhos, beber em um bar, etc. Os efeitos de produção, edição e captura têm suas especificidades, distinções e semelhanças nos modos de se fazer ver.

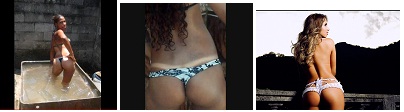


Figura 5 – Imagens extraídas dos vídeos Porque pobre não pode ter câmera digital, as Gatas do Coque e Paparazzo

Fontes: [www.youtube.com](http://www.youtube.com) e <http://ego.globo.com/paparazzo/index.html>



Figura 6 – Imagens extraídas do site Paparazzo, vídeo As Gatas do Coque e vídeo Porque pobre não pode ter câmera digital

Fonte: <http://ego.globo.com/paparazzo/index.html> e [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

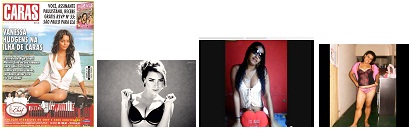


Figura 7 – Capa revista Caras, Fotos do site Paparazzo, vídeo Gatas do Coque e vídeo Porque pobre não pode ter câmera digital.

Fonte: <http://caras.uol.com.br/>, <http://ego.globo.com/paparazzo/index.html> e [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

A aparição e os relatos da Mulher Bambu, em programas televisivos sobre o desejo do sucesso e da fama, também passam pelas construções de realidades das mídias massivas e do mundo dos famosos e do espetáculo. Beionse do Agreste é uma referência ligada diretamente, pelo nome, ao meio massivo e pop da música nos Estados Unidos. Ela produz *cover* da cantora famosa Beyoncé e, na página do próprio perfil, percebemos a postura, maquiagem, roupa, cabelo e expressão que buscam referências na cantora.



Figura 8 – **Imagens da Beionsse do Agreste e da Beyoncè**

Fonte: [www.formspring.me](http://www.formspring.me/beion), <http://musictonic.com>, [www.answers.com](http://www.answers.com/topic/beyonc-knowles), [www.diversao.terra.com.br](http://www.diversao.terra.com.br)

A Mulher Bambu, por sua vez, não faz referência a nenhuma cantora conhecida ou famosa, mas, não resta dúvida, em seus discursos nos programas, sobre sua intenção de manter-se dançando e cantando. Inclusive, pedindo espaço para divulgar o número do telefone para *shows* e elaborando melhor a apresentação, que ganha uma versão mirim, além do figurino com botas cano longo, *tops* pretos brilhosos. Ela menciona que está vivendo da Mulher Bambu e, no programa Casos de Família, a mãe fala da vontade (sonho) das duas de que ela faça sucesso e seja conhecida, tornando-se famosa.

O cotidiano em si mesmo, ou estetizado pelas fotos e imagens tanto das mídias individuais como das mídias massivas, remete à **publicização** da vida privada em larga escala. Não se trata apenas da reprodução ou da cópia em massa, mas da intenção de fazer ver e ouvir. Não basta existir a imagem, ela tem que circular.

São inúmeras as possibilidades de ilustração da inserção do material audiovisual das redes sociais, especificamente o YouTube, nas programações massivas, assim como o inverso: a captação, a edição e o recorte de imagens de novelas, programas de tevê, jornais, impressos, etc., que circulam ou por postagem da própria empresa ou dos usuários. Os vídeos individuais alimentam a mídia massiva, não apenas enquanto imagens informativas ou ilustrativas, mas também adicionando discursos e expressões que passam a compor a imagem e as falas de personagens televisivos, temas de reportagens, debates ou roteiros de novela.

Há, nesta circulação, potenciais efeitos sensíveis posteriores ou na relação imediata com aqueles que se expõem e são mediados pela imagem. É uma legitimação estética da imagem e do som, nos processos comunicativos com sentidos políticos.

Há uma ação, no mundo, de pertencimento e participação, dimensionada em modos de rede, individuais e coletivas, alimentando a cadeia de experiência com diferidas e difusas maneiras de se fazer ver/ouvir, assim como participando (potencialmente) de deslocamentos sobre maneiras de ver/ouvir. As imagens e a sonoridade têm potencialidades, podem compor reproduções discursivas ou ideológicas, estereotipia ou generalizações e apresentar particularidades expressivas relacionadas a impulsões para experiências completas e reestruturantes[[17]](#footnote-18).

Com a intenção de compreender processos comunicacionais como deslocadores de pensamento, fluxo de conceitos, invenção social, criação de noções, mudança de opinião ou alternância de lugar, foi imprescindível a relação tetê-a-tetê além da tela-a-tetê. O caráter do face a face indicava outros graus das possibilidades de emancipação política do sujeito pelos vídeos circulantes no YouTube. Não se tratando das partes exclusivas, individuais que postam seus vídeos e disparam o próprio mundo simbólico como parte pertencente ao comum em uma vida de representação comunicativa. Trata-se de graus complementares à pertença deste mundo simbólico e a relação que se estabelece com o mundo pragmático.

O espaço da sala de aula, durante o estágio docente, transformou-se em um grande laboratório desta investigação. O potencial político da estética está na vivência, na vida cotidiana, nas apropriações, nas ações, nas intervenções, na disposição de papéis, nas contravenções, na bricolagemda própria condição, do próprio espaço, por fim, nos arranjos de ordem e desordem que os corpos em movimento e expressão podem causar aos sentidos imediatos da interação.

A política, que não se limita à condição de governabilidade burocrática da representatividade ou do Estado nação, diz também respeito às relações de micro convivência, que estabelece limites e, ao mesmo tempo, os rompe. No grupo da sala, algumas perspectivas passavam pela disputa de poder, sobre a palavra, sobre a verdade, sobre o valor de superioridade sobre saberes, instrução, aparência; outras passavam pelo esconderijo e pelo interdito; outras se localizavam nas fronteiras das ações e das resistências; outras, expressavam reconfigurações ou atualizações sobre o próprio modo de agir.

Tratava-se da política das manifestações, da vida contínua em arranjos e rearranjos, da criatividade em escapar do contexto ou ampliá-lo, de rir de ou chorar sobre si próprio. Aconteceram deslocamentos sobre as maneiras de perceber (ver e escutar) o mundo e o outro, ou ainda, o próprio mundo e o do outro, evidenciando uma circunstância de mudança ou uma noção de movimento. Eram experiência que se recriavam e políticas que se criavam, no espaço comum da sala. Seguem trechos de relatos escritos de quatro alunos:

(...) Posso afirmar que concluí a disciplina muito diferente do que havia iniciado e isso reflete na análise e na experiência posterior à exposição dos vídeos. Passei a refletir que aqueles vídeos diziam mais do que eu imaginava, antes eu não havia parado para pensar nisso. De certa forma, aquelas manifestações expunham uma maneira de pensar a vida, de protesto, de participação, afetos; de certa forma, outros conceitos, independentes e diferentes dos quais são impostos pela mídia e pela sociedade dominante. Uma forma de participação seja de quem cria os vídeos ou de quem comenta sobre eles. (...) o youtube um espaço não apenas de mera exposição, “comunicação por si só” de compartilhamento de gostos musicais, entre outros, mas de participação social, lugar onde os indivíduos expõem suas ideias, crenças, representações e sentimentos, ganham visibilidade independente de espaços organizados, constroem a sua própria forma de cidadania, superando padrões do que é posto pela mídia e pela sociedade em geral. (2012, relato participante)

Minha reação inicial com os vídeos (exibidos na primeira aula da disciplina Mídia e Cidadania) foi de perplexidade. Eu me perguntava qual era a intenção da professora de mostrar tal material, que eu classificava como engraçado ou simplesmente tosco – à exceção de um vídeo com imagens de mulheres de um bairro popular do Recife, que posavam como modelos. Fui indiferente quanto a esse vídeo. Lembro que após a aula, eu contei para amigos próximos que, pela primeira vez, eu assisti ao vídeo do Sou Foda, num caráter acadêmico, como se isso representasse algo bastante vanguardista. Com a leitura recomendada após a aula (a primeira dissertação da Genealogia da Moral de Nietzsche), a minha segunda experiência foi a do atordoamento, pelo caráter esclarecedor do texto, em conjunto com o que foi debatido em sala de aula. Todos os vídeos exibidos iam de encontro com a moral vigente da sociedade – seja na estética, na cultura ou nas tradições morais e religiosas, que remetem (segundo a moral vigente) do cômico ao repudiável (...). (2012, relato participante)

Antes, eu assistia aos vídeos do estilo (engraçados, principalmente) apenas como espectadora, pensando sobre a forma com que o conteúdo era apresentado e sem questionar o que a sociedade via ali e como ele queria ser visto pela sociedade. Durante a aula, fizemos essa reflexão em grupo, além de atividades para casa, que ajudaram a expandir meu entendimento e enxergar os vídeos como potenciais objetos de estudo, que carregam com eles valores e, consequentemente, julgamentos (2012, relato participante)

Saí daquela primeira aula com uma contradição, entre o desejo de continuar proclamando a erudição artística (até porque é uma forma confortável de ir vivendo a vida, há muito pouco o que se autoquestionar se você diz a si mesmo que existe arte boa e existe arte ruim e são assim que as coisas são) e entre o medo de faltar com a solidariedade. Quando assisti ao vídeo dos hippies de Minas Gerais, também ministrado por Lylian, eu percebi que a minha forma de entender a arte era, até então, elitista. Assim, passei a repensar os primeiros vídeos do Youtube como uma manifestação do indivíduo. E o Youtube inteiro como um espaço de manifestação do indivíduo, muitas vezes um espaço invadido por comentários preconceituosos. (2012, relato participante)

**Últimas considerações**

A experiência da sala de aula é pública e comunicacional, emerge diante da exposição dos indivíduos, dos vídeos e de contextos, criando um espaço comum de encontros e potenciais rompimentos ou alterações sobre maneiras sensíveis de observar ou escutar o espaço do outro, no plano social. Aquele que ouve e vê se localiza e relocaliza, potencialmente, como ocorrência de um reaprendizado de significações, num processo mútuo de conhecimento em que as partes dialogam.

Analisar relações entre poder, cultura e mídia apresenta também as dimensões de uma política de natureza estética, que busca explicitar relações do particular no universal e investigar as evidências sensíveis, ou seja, os modos de se fazer ver e ouvir, na partilha do sujeito no convívio social e o movimento dos corpos, na experiência pública. A coletivização das experiências, ou ainda, a massa de indivíduos inseridos e produtores de conteúdo na internet, é uma atividade que dá ritmo à experiência comum. A ação comum gera uma zona de fronteira com o outro, como um lugar de impressões de um domínio público de aparição. É um fenômeno que mescla particularidades e impessoalidade, reprodução e criação. Relaciona-se ao processo dos fluxos simbólicos e subjetivos, na experiência cotidiana das bricolagens e (res)significações. Dá evidências dos imaginários subjetivos que habitam o mundo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Braga, J. (2007). Midiatização como processo interacional de referência. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática* (p. 141 – 167). Porto Alegre: Sulina.

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.

Fausto Neto, A. et al. (2008). *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus.

Marcondes, C. (2011). *O princípio da razão durante*. São Paulo: Paulus.

1. Trabalho apresentado ao GT 12: Comunicación y Cambio Social no XII Congreso ALAIC, Peru, Lima. [↑](#footnote-ref-2)
2. Professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, Brasil. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: [lylian.rodrigues@gmail.com](mailto:lylian.rodrigues@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)
3. <https://www.youtube.com/watch?v=o0rjIpeH268> [↑](#footnote-ref-4)
4. <https://www.youtube.com/watch?v=ACXFHGanR7w> [↑](#footnote-ref-5)
5. Neste caso, duas instituições serviram como pré-observação: Obra Social do Imaculado Coração de Maria e Central Única das Favelas (RS), ambas situadas na cidade de Porto Alegre. [↑](#footnote-ref-6)
6. Obrigada Mariana, Lucas, Gustavo e César. [↑](#footnote-ref-7)
7. Obrigada Marcos. [↑](#footnote-ref-8)
8. <<https://www.youtube.com/watch?v=4e6viCum6EY>>. [↑](#footnote-ref-9)
9. <<http://www.youtube.com/watch?v=BTYvp0GnqZ4>>. [↑](#footnote-ref-10)
10. Último acesso em 25 de outubro de 2012. [↑](#footnote-ref-11)
11. <<http://www.youtube.com/watch?v=ORgXEyVU5jw>>. [↑](#footnote-ref-12)
12. <<http://www.youtube.com/watch?v=O_rxFAiRZbM>>. [↑](#footnote-ref-13)
13. Setembro de 2011. [↑](#footnote-ref-14)
14. Último acesso em 25 de outubro de 2012. [↑](#footnote-ref-15)
15. <http://ego.globo.com/paparazzo/index.html >. [↑](#footnote-ref-16)
16. www.caras.uol.com.br [↑](#footnote-ref-17)
17. “Por ser o movimento do organismo em sua inteireza, a impulsão constitui o estágio inicial de qualquer experiência completa. (...) As impulsões constituem os primórdios da experiência completa por provirem da necessidade; de uma sede e uma demanda que pertencem ao organismo como um todo e que só podem ser saciadas pela instituição de relações claras (relações afetivas, interações) com o meio.” (DEWEY, 2010, p. 143-144). [↑](#footnote-ref-18)